

HOMO POLÍTICUS, MANUEL PARDO, LA CULTURA POLÍTICA PERUANA Y SUS DILEMAS (1871 – 1878)

HOMO POLITICUS, MANUEL PARDO, A CULTURA
POLITICA PERUANA E SEUS DILEMAS
(1871 – 1878)

HOMO POLITICUS, MANUEL PARDO PERUVIAN
POLITICAL CULTURE AND ITS DILEMMAS
(1871 – 1878)

Reseña realizada por Giancarlo Portugal Velasco
Centro de Psicoterapia Psicoanalítica de Lima
ORCID: 0000-0002-2977-9391
Correo electrónico: g.portugal@pucp.edu.pe

Fecha de recepción: 14 - 04 - 2025
Fecha de aceptación: 24 -04 - 2025

Para citar este artículo / Para citar este artigo / To reference this article

Portugal Velasco G. (2025) HOMO POLÍTICUS, MANUEL PARDO,
LA CULTURA POLÍTICA PERUANA Y SUS DILEMAS (1871 – 1878)

Intercambio Psicoanalítico 16 (1), DOI: doi.org/10.60139/InterPsic/16.1.19
Creative Commons Reconocimiento 4.0 Internacional (CC By 4.0)

HOMO POLITICUS, MANUEL PARDO, A CULTURA POLITICA PERUANA E SEUS DILEMAS (1871 – 1878)

Resenha realizada por
Giancarlo Portugal
Velasco¹

Autor: Carmen Mc Evoy

Ano: 2022 – 393 páginas

Editorial Planeta

¹ Psicoterapeuta psicanalítico em formação (CPPL). Filósofo (PUCP). Professor e pesquisador. Trabalho clínico em adultos e adolescentes.

No âmbito do nosso XIII Congresso “Eros, alteridade e criatividade em tempos de assombro. O Pulso Atual da Psicanálise”, que se realizará no próximo mês de outubro, a conceituada historiadora peruana Carmen Mc Evoy foi convidada como oradora; o convite foi prontamente aceito e, assim, concretiza-se um dos objetivos do evento: contribuir à comunicação da psicanálise com as ciências sociais. Esse espírito de interdisciplinariedade é nativo da nossa disciplina apesar de que, por vezes, a construção de conceitos herméticos tem contribuído a um isolamento que tem sido – de forma ambivalente – usufruído e sofrido. Neste contexto procura a resenha apresentar o texto *Homo politicus. Manuel Pardo, a cultura política peruana e seus dilemas*, publicado inicialmente no ano 2007, mas reeditado como início da Coleção Carmen Mc Evoy, que a Editorial Planeta publica desde 2022.

Ao repto de realizar a resenha de um livro de história no âmbito de um congresso sobre psicanálise se soma o desafio de apresentar uma personagem da história peruana a um público latino-americano: Manuel Pardo (1834-1878), quem foi o primeiro presidente civil da história do Peru (1872-1876); antes disso, desde 1821, todos os presidentes haviam sido militares e a constante era a venda estatal do guano a Europa, que se tornou o alvo da corrupção. No entanto, tal como os acontecimentos anteriores ao governo de Pardo são relevantes, é de salientar que, depois dele, o palco seria o de um dos maiores traumas da nação: a Guerra do Pacífico, que se estenderia desde 1879 até 1883 e que Pardo não veria porque seria assassinado aos 44 anos, pouco antes do começo da guerra. Não é certamente exagero afirmar que a presidência de Pardo foi, sem dúvida, um marco na história peruana.

O livro *Homo politicus*, como revela seu subtítulo, centra-se em Manuel Pardo, mas procura sempre situá-lo dentro da cultura política peruana e dos desafios que ela lhe impôs. Assim, ao longo dos seus seis capítulos, o texto desenha o cenário e descreve a interação entre as personagens, mas sempre com os holofotes virados para o protagonista da história: o civil cujo projeto confronta o *status quo* militar. No entanto – e isto é o mais notável – o livro aproveita especialmente a correspondência do próprio Pardo, o que aumenta a possibilidade de se aproximar a sua subjetividade, ou seja, à interpretação do seu contexto e dos seus desafios.



Desde o primeiro capítulo se apresenta a política peruana como um labirinto, e não um labirinto qualquer, mas um que irritaria o próprio diabo. A expressão é de uma das cartas que o nosso protagonista recebe do seu primo José Antonio de Lavalle¹, que considera a política peruana como capaz de levar à loucura o soberano do caos: milhares de mortos, entre cidadãos e autoridades; instituições quase inexistentes; receio de uma ‘invasão de Lima’ pelo povo após a recente abolição da escravatura e da pena de morte; pilhagem da corrupção; e a geração de patologias sociais que serão batizadas de criminalidade. Neste ambiente de, como diria o poeta José Arnaldo Márquez, hecatombe humana, o comércio estatal do guano era a constante no meio de uma guerra civil permanente, consequência de uma lógica de guerra até à morte. Mc Evoy expressa esta lógica como a racionalidade política dos senhores da guerra que sobreviveram à anarquia após a dissolução do Estado colonial para se tornarem os líderes daquele Leviatã de guano que – apenas formalmente – era chamado Estado republicano.

Após um começo que mostra o Peru da época, o livro centra-se no protagonista, que, no texto da Dra. Mc Evoy, é o vital — aquilo que está vivo, que se move e procura mobilizar — e que se materializa na figura de Manuel Pardo, produto das contradições do seu tempo: filho do intelectual ministro Felipe Pardo y Aliaga, formado em economia pelo *Collège de France* e em filosofia pela Universidade de Barcelona, rico empresário, herdeiro intelectual de José Faustino Sánchez Carrión², ministro das Finanças, prefeito de Lima, primeiro presidente civil do Peru, exilado no Chile, presidente da Câmara do Senado no seu retorno. É assim como Mc Evoy procura recuperar a visão de Pardo não apenas como representante da burguesia nacional – o que ele era – mas também como figura essencialmente dialogante, integradora. Ou seja, mais do que um empresário que ascende ao mais alto cargo estatal, nas páginas do livro, Pardo revela-se como um intelectual que, apoiado inicialmente pela Sociedade de Independência Eleitoral (SIE), matriz do que viria a ser o Partido Civil, aposta na construção de um projeto nacional através de conceitos como a República Prática - a República da Verdade baseada na educação, no trabalho e na indústria, conceitos com os quais construiu uma retórica que lhe permitiria a vitória eleitoral contra o setor militar dominante, o que lhe facilitaria também governar e que, posteriormente, lhe permitiria opor-se, mesmo do exílio, ao Leviatã revivido na figura do general Mariano Ignacio Prado, presidente durante os períodos de 1865-1868 e 1876-1879.

1 Deputado (1860-1865), senador (1874-1879) e Ministro de Relações Exteriores (1883) do Peru.

2 Político e ideólogo da independência peruana, conhecido como o “Solitário de Sayán”.

Homo politicus: Manuel Pardo, A cultura política peruana e seus dilemas não engana: os protagonistas estão no título, mas oferece muito mais. Uma vez iniciado o livro, poderá ser lida uma nova introdução à obra; da mesma forma, qualquer pessoa interessada pode encontrar um dossier com fotografias, charges e mapas relevantes. É o caso do gráfico *Desembarque do senhor Pardo em Callao*, que representa o aclamado retorno do protagonista desde o exílio no Chile. Da mesma forma, há uma cronologia que vai desde o nascimento de Manuel Pardo, em 9 de agosto de 1834, até 16 de novembro de 1878, com o seu traiçoeiro assassinato pelo sargento Melchor Montoya na porta principal do Senado. Da mesma forma, encontrar-se-á um compêndio de correspondências do ex-Presidente, onde ficam à mostra as quantias, o destino geográfico e o destinatário. Por fim, o livro inclui uma bibliografia anotada pela autora, que permite a quem tiver dúvidas específicas identificar claramente quais as leituras recomendadas para cobrir as necessidades epistemofílicas.

Por fim, gostaria de aventar algumas sugestões psicanalíticas sobre o livro. Embora a autora assegure que o motivo da republicação do estudo se deve aos 150 anos da tomada de posse presidencial de Manuel Pardo, permitam-me especular: este texto é uma tentativa de “olhar para o projeto original da república peruana” do final do século XIX como uma expressão de angústia e esperança pelo “período de incerteza” permeando o Peru atual. É sugestivo, para a nossa leitura, que a autora procure inspecionar as fundações, cômodos e varandas do referido projeto, mas que, ao mesmo tempo, afirme que tenta “inclusive penetrar, lanterna na mão, nos porões e sótãos que guardam muitos segredos ainda à espera de serem revelados”. É igualmente sugestivo que expresse não apenas uma procura de respostas no passado, mas também aguarde uma dose “da energia e criatividade política que tanto precisamos” (23).

Igualmente abertas às interpretações estão as próprias reflexões de Pardo sobre a contingência; chama-lhe aquele “animal” que “inconscientemente devorava as plantas necessárias à sua vida, desprezando e espezinhando aquelas que já não lhe eram úteis” (331). Esta citação, tão oportunamente resgatada para nós pela Professora Mc Evoy, é comentada pela própria e – parece-me – resume muito bem aquilo que foi a lógica do nosso protagonista: “sua aposta final foi pela razão (...) pelo predomínio de uma ideologia republicana que ele acreditava indestrutível (...) é provável pensar, então, que o seu regresso premeditado àquele turbilhão de paixões e apetites que era o Peru em 1878 – ato que se pode chamar suicida – teve a ver com uma decisão, cujo objetivo final era verificar a possibilidade de transcender a contingência (...) ele próprio assinalou, após um dos atentados contra a sua vida, que se pode matar o homem, mas nunca a ideia” (331). Estas expressões tão sugestivamente neuróticas permitem-nos – creio eu – admirar e desidealizar uma personagem que viveu um feito que permaneceu incompleto e que convida ao questionamento da necessidade de completude ou, melhor, a procurar outras alternativas criativas perante a real inevitabilidade do assombro perante a incerteza.

Notas al final

1 Agência: “Capacidade de uma pessoa para agir e escolher de acordo com a sua vontade, de maneira simultaneamente criativa e responsável, em oposição ao sentimento de ser conduzida passivamente por forças externas e impessoais.”(León y Ortuzar,2020)